

Introdução à fenomenografia: Potencialidades de aplicação à investigação em saúde e enfermagem

MANUEL AGOSTINHO M. FERNANDES (*)

Introduction to phenomenography: possibilities for applications to research into care provision and in nursing

Keywords: Phenomenography, conception, nursing, care provision, qualitative, research method

Abstract:

Phenomenography is a qualitative research methodology which is little known but which could be of use for research into the provision of care, especially when an understanding of people's experiences is sought.

It is a non-dualist methodology which was developed in an educational context and which seeks to investigate the ways in which people form ideas about the world around them and experience it and which seeks to describe the variation between the diverse and qualitatively different ways of seeing, experiencing and understanding a single phenomenon. Due to its concern with content and reflection on experience, it is distinct from phenomenology as a methodology.

The main concepts are conceptions, which represent knowledge about an aspect of life experience which a subject both undergoes and thinks about, and the idea of conscience.

Using conceptions, as its starting point, the methodology seeks to construct categories for description which reflect the number of qualitatively different ways in which a given phenomenon can be described and understood.

This methodology is regarded as being of use for research in health care and in nursing.

The dominant method for collecting data is in-depth interviews which enables to explore the conscience in depth.

Palavras chave: Fenomenografia, concepção, enfermagem, prestação de cuidados, qualitativo, método de investigação

Resumo:

A fenomenografia é uma metodologia de investigação qualitativa pouco conhecida mas que pode ser útil para a investigação sobre a prestação de cuidados, especialmente quando se procura a compreensão da experiência das pessoas.

Esta metodologia desenvolvida em contexto educacional é uma metodologia não dualista, que procura investigar as formas como as pessoas concebem e experienciam o mundo à sua volta e procura descrever a variação entre as diversas e qualitativamente diferentes formas de ver, vivenciar e compreender o mesmo fenómeno. É uma metodologia distinta da fenomenologia pela sua orientação para o conteúdo e para a reflexão sobre a experiência.

Tem como conceitos principais as concepções, que traduzem um conhecimento sobre uma parte da realidade que é ao mesmo tempo vivida e pensada e a noção de consciência.

Esta metodologia procura, partindo das concepções, construir categorias de descrição que reflectem o número de formas qualitativamente diferentes em que o fenómeno pode ser descrito e compreendido.

Esta metodologia é considerada útil para a investigação na saúde e na enfermagem

Como colheita de dados preconiza a entrevista individual em profundidade que permite explorar profundamente a consciência.

(*) Professor Coordenador. Escola Superior de Enfermagem de S. João de Deus de Évora

963725/04

INTRODUÇÃO

Este artigo examina o que é a fenomenografia suas origens, objectivos e conceitos estruturantes. Explora também as linhas de investigação e defende a sua utilidade na área da saúde e da prestação de cuidados e muito particularmente a sua aplicação à investigação em enfermagem. Procura ainda abordar os aspectos práticos do método como a colheita e análise dos dados, no sentido de sucintamente deixar uma ideia abrangente do método.

O que é a fenomenografia?

O termo fenomenografia é uma palavra composta por dois elementos fenómeno e grafia. As raízes etimológicas da palavra vem do grego "pháinomenon" ou aparência, "appearance" e "gráphein" e quer dizer a ideia de escrita, (description) descrição, logo descrição das aparências, levando a que este termo queira dizer descrição das coisas como elas se nos apresentam (Marton e Fai, 1999)¹.

Esta metodologia que teve início nos anos 70 na Suécia com Ference Marton na Universidade de Gotenburgo com pesquisas no campo da educação. Começou por colocar a questão; "why are some people better at learning than others?" (Marton, 1994, p.4424).

Os estudos eram dirigidos a ver as diferenças nas abordagens que os alunos faziam a uma dada tarefa de aprendizagem. Estes primeiros estudos demonstraram que em qualquer tipo de fenómeno em que as pessoas estejam envolvidas podemos identificar um número limitado de formas qualitativamente diferentes e interrelacionadas sob as quais o fenómeno é vivido ou compreendido (Marton, 1994) e que estes princípios se podiam aplicar fora do contexto da educação.

O que torna esta abordagem distinta das outras é que ela procura identificar aspectos similaridades e diferenças, na forma como vivenciamos e compreendemos o mundo à nossa volta. Neste momento a Fenomenografia "is the empirical study of the limited number of qualitatively different ways in which various phenomena in, and aspects of, the world around us are experienced, conceptualised, understood, perceived, and apprehended."² (Marton, 1994, p. 4424), sendo que as palavras

usadas são intermutáveis, não por que elas queiram dizer o mesmo mas porque, o número limitado de forma sob as quais um fenómeno aparece, pode ser encontrado independentemente das diferenças entre experiência, percepção, apreensão, compreensão conceptualização etc. É igualmente válido quer o fenómeno esteja na experiência imediata, quer esteja no pensamento, na reflexão acerca dessa experiência (Marton, 1994).

É uma abordagem empírica que procura a diversidade de formas sob as quais as pessoas vivenciam o mundo à sua volta (Marton e Booth, 1997). Assume-se que o total de formas são em número limitado, finito, mas que não é fechado, por ser sensível a coisas como as descobertas científicas que podem introduzir novas formas de ver os fenómenos. As diferentes formas, são traduzidas em categorias distintas, que capturam a essência da diversidade. (Marton e Booth, 1997).

O objectivo dos investigadores que primeiro usaram esta terminologia, era identificar uma abordagem qualitativa de investigação não dualística, que identificasse e retivesse o discurso dos participantes, e foca-se na compreensão que as pessoas tinham do mundo à sua volta (Barnard, McCosker, & Gerber, 1999). Esta mesma abordagem defende que a compreensão humana é uma relação humana-mundo e não um qualquer processo cognitivo geral, que as pessoas tenham (Yan, 1999).

A fenomenografia assume-se ontologicamente não dualista, na medida em que para ela a única realidade que pode ser comunicada, é o mundo tal como é vivenciado. Assume como base epistemológica, que os seres humanos diferem na forma como o mundo é vivenciado e essas diferenças podem ser descritas, comunicadas e compreendidas pelos outros. As diferenças e as semelhanças, na forma como o mundo é concebido, constituem os resultados essenciais da investigação fenomenográfica (Sjöström, e Dahlgren, 2002).

Sintetizando, a fenomenografia é o estudo da variação entre diversas e qualitativamente diferentes formas de ver, vivenciar e compreender o mesmo fenómeno (Marton e Fai, 1999).

Este método partilha com a fenomenologia o objecto de pesquisa, que é revelar as experiências humanas, a consciência das mesmas e as regras de

entrevistar. Procura a essência do fenómeno comunicado como a fenomenologia vivenciados, tes, as quais

A fenomenologia enquanto a essência do fenómeno (Marton e Booth, 1997) mais interesse experiência diferentes formas de ver o mundo como qualidades descritas dos casos. Logo que a diferentes situações sidera-se esse mesmo que diferentes

A fenomenologia enquanto a essência do fenómeno (Marton e Booth, 1997) mais interesse experiência diferentes formas de ver o mundo como qualidades descritas dos casos. Logo que a diferentes situações sidera-se esse mesmo que diferentes

¹ Tradução (porque é que algumas pessoas aprendem melhor que outras?)

² Tradução "é o estudo empírico do número limitado de formas qualitativamente diferentes sob as quais os vários fenómenos do mundo à nossa volta e os seus aspectos são vivenciados, conceptualizados, compreendidos percebidos e apreendidos"

entrevistar. Mas enquanto a fenomenologia procura a essência, no sentido de encontrar o significado comum inter-subjectivo de um fenómeno, a fenomenografia assume que os fenómenos são vivenciados, de formas qualitativamente diferentes, as quais são num número limitado.

A fenomenologia é orientada para o método, enquanto a fenomenografia é orientada para o conteúdo (Marton, 1981). A fenomenografia está mais interessada no sentido colectivo e menos na experiência individual (Barnard, *et al.* 1999). As diferentes formas de compreender não são vistas como qualidades individuais, mas como categorias descritivas a serem usadas na compreensão dos casos concretos de funcionamento humano. Logo que as mesmas categorias apareçam em diferentes situações, o conjunto de categorias considera-se estável e generalizável entre situações, mesmo que um individuo mude de categoria em diferentes ocasiões (Marton, 1981).

A fenomenologia é dirigida ao nível pré-reflexivo da consciência, enquanto a fenomenografia também procura reflexão sobre a experiência, procurando tanto o lado experiencial como o lado conceptual, procurando também o que é aprendizagem cultural e as formas que cada um desenvolveu para se relacionar com o mundo à sua volta (Marton, 1981 e 1994). Sendo uma abordagem de segunda ordem, que não procura a redução dos dados, como tal não procura descrever o mundo como ele é, o que seria uma abordagem de primeira ordem. Como abordagem experiencial, procura descrever o mundo como ele é concebido. A diferença entre primeira e segunda ordem é que na primeira o investigador vira-se para o mundo e faz alegações acerca desse mundo. Na perspectiva de segunda ordem o investigador orienta-se para as ideias das pessoas acerca do mundo e faz alegações acerca das ideias das pessoas sobre esse mesmo mundo. Numa investigação sobre do poder político, a fenomenologia refere-se a qualquer coisa que apareça acerca do poder político, enquanto a fenomenografia refere-se a qualquer coisa que possa ser dito sobre como as pessoas percebem, vivenciam e conceptualizam o poder político. Na 1ª ordem assume-se a clara distinção entre realidade e realidade percebida (Marton, 1981) e na segunda ordem elas são uma só. Nos estudos fenomenográficos procura-se explorar as diferentes formas de estar consciente de um fenómeno, procurando diferenças na estrutura do fenómeno e o correspondente significado do mes-

mo (Marton 1994), o investigador concentra-se na descrição, vivência, e compreensão do fenómeno e procura obter concepções distintas (Barnard, *et al.* 1999, p.218).

De seguida explica-se mais detalhadamente os conceitos de concepção, consciência e categorias de descrição que são centrais nesta metodologia.

A Natureza da Vivência/Concepção

A concepção é considerada central para (Marton, 1986) descrever o conhecimento, o qual é fruto do processo de pensamento e depende do mundo que é exterior ao individuo (Barnard, *et al.* 1999). Como tal não é estável no tempo, nem aceite por toda a gente num dado momento, pois ao longo da história tem havido concepções que já não se aceitam assim como é previsível que as concepções actuais sejam substituídas por outras no futuro (Marton, 1981).

A concepção ou a vivência do fenómeno é a sua delimitação do contexto e sua relação com este ou outros contextos, o que corresponde ao horizonte externo do fenómeno e por outro lado a delimitação das suas partes, as suas inter-relações e relacionamento com o todo, correspondendo ao horizonte interno do fenómeno. Estes dois aspectos juntos formam o aspecto "estrutural" da experiência (Marton, Dall'alba, & Beaty, 1993). O aspecto estrutural refere-se pois aquilo de que a concepção é constituída. Existe também um aspecto designado de "referencial" relativo ao sentido global atribuído ao fenómeno. Uma caracterização completa do fenómeno deve pois incluir a distinção entre as expressões que reflectem predominantemente um aspecto estrutural, e as que reflectem um aspecto referencial (Barnard, *et al.* 1999).

A concepção de uma coisa é intermutável com vivenciar essa mesma coisa, porque o que se procura é a forma de estar (aware) consciente de qualquer coisa (Marton, 1994). A consciência de qualquer coisa é fruto de uma relação entre sujeito e objecto e não é possível lidar com um objecto sem o vivenciar ou conceptualizar, pelo que objecto e sujeito não são independentes, (não dualista) logo existem em inter-relação, sendo a concepção, a representação dessa inter-relação (Barnard *et al.* 1999), logo o seu carácter é relacional (Yan, 1999). Daqui que a forma de vivenciar ou com-

preender um fenómeno diz tanto sobre o fenómeno como sobre o sujeito.

Daqui que não existe um mundo real e objectivo, por um lado e um mundo irreal e subjectivo por outro, existe somente um mundo que é compreendido e vivido de varias formas pelas pessoas, este mundo é ao mesmo tempo objectivo e subjectivo, sendo que a forma como o objecto se apresenta às pessoas é sinónimo da forma como a pessoa o vivência (Barnard *et al.* 1999).

Não existe um fenómeno com existência objectiva e outro que existe como uma representação cognitiva, existe simplesmente o fenómeno que é uma colecção de formas diferentes e relacionadas de compreender e vivenciar um fenómeno, pelo que não é dual, pois não se pede às pessoas para simplesmente descreverem o que viveram sem que elas falem do significado da experiência para elas. Contudo esta visão não dualista é uma assunção da fenomenografia que necessita maior desenvolvimento (Barnard *et al.* 1999).

O desenvolvimento do conhecimento, é relativo à realidade exterior, que é composta de partes que formam o todo e a sua combinação permite-nos formar a compreensão do fenómeno. As diferentes formas que temos de compreender um fenómeno advêm desse todo, o qual deriva do contexto da vivência. Daqui que a formação de uma concepção advêm de uma parte da realidade que é ao mesmo tempo vivida e pensada (Barnard, 1999), mas que não se pode confundir com uma espécie de sistema de funcionamento cognitivo que o individuo possui (Yan, 1999; Barnard, *et al.* 1999). A concepção é pois relativa as relações humanas com o mundo e são sempre orientadas para o conteúdo das descrições (Yan, 1999).

Esta forma total (holismo) de desenvolvimento do conhecimento, refere-se a conhecimento relacional (relational Knowledge). Neste sentido, o conhecimento é delimitado, na medida em que retratam uma realidade que é impossível de compreender no seu sentido perfeito. Contudo esse conhecimento é total (Whole) na medida em que embora formado a partir de diversas entidades, eles assumem para a pessoa, um carácter total, mesmo que o compreensão última seja incompleta (Barnard *et al.*, 1999).

Mas um individuo raramente expressa um fenómeno de forma completa e pode destacar qualquer uma das partes ou aspectos ou todos eles (Marton *et al.* 1993) e as mudanças num dos aspectos não podem ocorrer sem mudanças no

outro, eles têm pois uma relação dialéctica. (Barnard, *et al.*, 1999; Marton, 1994).

Esta visão fenomenográfica do conhecimento, onde as concepções são deduções da realidade, que são formadas de formas variadas pelos individuos, em função dos contextos da vivência (Barnard, 1999) e se formam da inter-relação entre as nossas crenças, imperativos sociais, expectativas e experiências (Barnard, 1999), são os resultados dos nossos pensamentos, vivências, educação, cultura, historia e os ideias e valores existentes na sociedade, que nos permitem ser participantes activos (Barnard, 1999).

As concepções tem ao mesmo tempo diferenças e semelhanças. As semelhanças designa-se de espaço comum (commonplace), que são as crenças de vida usadas pelas pessoas para julgamento, e representam a hierarquia de valores, crenças e filosofia individuais e de grupo, que nos permitem ver a comunidade do mundo (Barnard, 1999).

A importância das concepções, é que elas determinam o nosso julgamento, direccionam as nossas interrogações, são a explicação para a nossa vida de todos os dias e para as nossas práticas. (Barnard, 1999).

A Noção de Consciência

Para Marton (1994) a forma de compreender uma coisa é estar consciente dela, a qual é vista como a vivência do mundo, num dado momento pela pessoa na sua totalidade. Apesar de algumas coisas estarem no primeiro plano e classificadas e outras num segundo plano não classificadas, não existe dicotomia entre elas mas uma variação continua. O mundo é visto do ponto de vista de cada situação especifica mobilizando os conhecimentos mais ou menos directamente relacionados e mobilizáveis, mas ao mesmo tempo cada situação é vista através de toda a nossa experiência do mundo, não directamente relevante para a situação, nem identificável, mas que o circunda no tempo e no espaço. Pode se dizer que nós estamos conscientes de tudo, todo o tempo, mas estamos conscientes de tudo de forma diferente durante todo o tempo (Marton, 1994).

A nossa consciência não consegue estar consciente de tudo ao mesmo tempo e da mesma forma. Se isso fosse possível não haveria diferenças entre as pessoas, que vivenciaram os mesmos fenómenos. Por outro lado ela está consciente de tudo ao

mesmo tempo significa, que contexto ocorrem constituem o trocedem pai base, o terre 1999). Ainda as quais se Booth, 1997

Nada im outro mome no que (1999), pois lembrança, as mudanço maior parte levar a muc uma mudai vezes leva Booth, 199

Repres ções, desc significado litativame ser descri 1999). E a junto de c ções, pelc e general: dividuo n (Marton,

O obj ja entre c viduo. N diversida categoria (Marton

As c com base crições c municaç densado comum ser cor compre primir e do proc cesso de

mesmo tempo, mas não da mesma forma. Isto significa, que certos aspectos ou elementos do contexto ocupam o foco da nossa consciência e constituem o tema, ou foco, enquanto outros retrocedem para um segundo plano e constituem a base, o terreno que contribui para o tema (Yan, 1999). Ainda outros aspectos vão para as margens, as quais se estendem indefinidamente (Marton e Booth, 1997)

Nada impede a formação de outra concepção, noutra momento, com outros aspectos do fenómeno que ocuparam a nossa consciência (Yan, 1999), pois mesmo coisas que não estão na nossa lembrança, podem ser chamadas para o foco, se as mudanças do aqui e agora o justificarem. Na maior parte das vezes uma mudança de foco pode levar a mudança de significado e a provocação de uma mudança de significado, pode em algumas vezes levar a uma mudança de foco (Marton e Booth, 1997).

Categorias de Descrição

Representam o sentido central das concepções, descrevem semelhanças e diferenças, no significado e reflectem o número de formas qualitativamente diferentes em que o fenómeno pode ser descrito, analisado e compreendido (Barnard, 1999). E à sua utilidade advém de o mesmo conjunto de categorias aparecer em diferentes situações, pelo que se considera um conjunto estável e generalizável entre situações mesmo que o indivíduo mude de categoria em diferentes ocasiões (Marton, 1981).

O objectivo é ver a diversidade, quer ela esteja entre os indivíduos ou dentro do mesmo indivíduo. Na medida em que o grupo representar a diversidade dentro de uma população alargada as categorias podem-se aplicar a toda essa população (Marton e Booth, 1997).

As categorias são descritivas, são formadas com base na análise de dados deduzidos das transcrições das entrevistas, ou de outras formas de comunicação. Partes dos dados são separados e condensados de forma a fazer sentido. O significado comum é apresentado como categorias que devem ser comparadas e agrupadas como expressões da compreensão. Estas categorias são a forma de exprimir as concepções (Barnard, 1999). Ao longo do processo de investigação o essencial do processo deve ser preservado nomeadamente através

da manutenção da linguagem das entrevistas.

O resultado, é o que se designa por o "espaço de resultados" (outcome space) e é constituído por um diagrama que representa as relações lógicas entre as concepções (Barnard, 1999). Este descreve o que se designou por "intelecto colectivo" (collective intellect) sob a forma de mapa.

Como resultado da análise restam ao investigador um conjunto de concepções, que são descritas através das categorias. Cada categoria forma parte de um todo mais alargado em que cada uma está relacionada sob a forma de espaço de resultados, o qual é a representação gráfica das relações lógicas entre categorias. Assim o espaço de resultados é a representação do fenómeno, da mesma forma que as categorias são representativas das concepções.

As categorias de descrição não são entidades mentais, pois não são actos mentais abstractos localizados na mente, nem entidades físicas, na medida em que não são descrições do fenómeno. As categorias de descrição não estão localizadas nem no sujeito nem no mundo, a sua característica fundamental é abranger um relacionamento interno entre o sujeito e o mundo (Marton e Booth, 1997).

Linhas de Investigação

A fenomenografia tem sido categorizada em três linhas de investigação (Marton, 1994). A primeira linha continua a concentrar esforços nos aspectos gerais da aprendizagem. A segunda linha de investigação tem a ver com a aprendizagem de conceitos em domínios como o da economia, matemática ou cuidados de saúde, procurando descobrir como o desenvolvimento de conhecimento e habilidades nesses domínios, pode ser facilitado. A terceira linha, considerada de interesse fenomenográfico puro, preocupa-se em descrever a forma como as pessoas concebem os vários aspectos do seu mundo (Marton, 1986), caracterizando a mente colectiva (Marton, 1994). Para Barnard *et al.* (1999), todas estas linhas de investigação tem uma relação directa com os objectivos da pesquisa virados para a teoria e prática dos cuidados de saúde (Health care), onde é muito importante reconhecer as diferentes formas como um fenómeno é vivenciado e compreendido (Barnard, *et al.*, 1999). Recomendando mesmo que esta abordagem seria particularmente proveitosa no estudo da educação terciária e continua, educação do doente, a vivência dos doentes e dos trabalhadores

da saúde e o desenvolvimento e gestão dos serviços de saúde. Para os mesmos autores, é central para a melhoria da prestação de cuidados e para o desenvolvimento das disciplinas "identifying the ways in which phenomena are understood and experienced by practitioners, patients, institutions and society"³ (p. 212).

Também é defendido como método de avaliar a qualidade na perspectiva do consumidor (Schembrin e Sandberg, 2002), ou para descrever como é visto o papel de um grupo profissional por diferentes grupos profissionais da saúde e pelos consumidores, no âmbito da promoção da saúde (Olsson, Tuyet, & Nguyent, 2002). Dentro do campo da saúde, vamos de seguida abordar a sua aplicabilidade à enfermagem.

A Fenomenografia e a Enfermagem

A investigação em enfermagem tem procurado ao longo das últimas décadas, desenvolver conhecimento para a profissão e para a educação em enfermagem (Sjöström & Dahlgren 2002), de forma a contribuir para o estabelecimento de uma base de conhecimentos, que levem às melhores práticas. Neste sentido, a fenomenografia aplicada à investigação em enfermagem, ao enfatizar as diferenças na forma como doentes diferentes, vivenciam as suas situações e necessidades (Sjöström & Dahlgren 2002), pode dar contributos para a individualização dos cuidados. Implica que os enfermeiros devem estar preparados para adoptar diferentes medidas para diferentes doentes. Na educação esta abordagem, alerta os docentes, para a necessidade de abordar os alunos de formas diferentes.

Na enfermagem, têm sido feito estudos fenomenográficos, dedicados estudar a compreensão que os doentes têm da vivência da sua doença, a estudar o processo de educação dos doentes e a sua eficácia e a estudar o significado da competência clínica. Na área da formação em enfermagem, tem sido estudada aspectos relativos a concepções ligadas à experiência clínica (Sjöström & Dahlgren 2002). Strömberg, (1997) estudou as diferenças de atitudes de médicos e enfermeiros, durante o encontro entre o doente e os prestadores de cuidados. Como resultado deste estudo, chegou-se a cinco concepções que descrevem as atitudes profissio-

nais possíveis num encontro, não tendo encontrado diferenças significativas nas atitudes de médicos e enfermeiros função destas concepções. Dahlberg, (1992) estudou a forma como o holismo, fenómeno de grande interesse para a enfermagem é vivido por docentes e estudantes, o que pode trazer contributos para a educação em enfermagem.

O interesse da fenomenografia para a enfermagem é que esta pode fornecer as disciplinas de enfermagem e à formação em enfermagem, conhecimentos sobre a variação da forma como os doentes e estudantes pensam e especialmente sobre os aspectos estruturais e de conteúdo, como os fenómenos são vivenciados nas situações de cuidados de enfermagem (Strömberg, 1997). A disponibilidade de este tipo de relatos sobre as percepções de grupos e pessoas sobre contextos profissionais tem potencialidade de aumentar a consciência dos profissionais de saúde.

Colheita de Dados

A forma dominante de colher dados é a entrevista individual, embora se possa assumir que a forma como a pessoa age exprime a forma como as coisas se lhe apresentam, possa ser expressa de muitas formas, pelo que já têm sido usados em estudos fenomenográficos, a observação, entrevistas de grupo, desenhos, respostas escrita, documentos históricos como principal fonte de informação (Marton, 1994).

Mas o método de eleição é a entrevista individual, que permite explorar mais profundamente a consciência, pois pretende-se tornar explícito e o que está implícito, e atribuir uma denominação (thematize) ao que está por denominar (unthematized), (Marton, 1994). Esta deve ser gravada para futura transcrição.

A entrevista deve ser desenvolvida como um diálogo, que facilite a denominação, de aspectos da vivência do sujeito ainda não denominados, de forma que a compreensão da experiência é formada em conjunto entre entrevistador e entrevistado. Esta compreensão da experiência, não existe antes da entrevista, são aspectos da consciência do sujeito que se modificam pelo facto de ser levado a reflectir sobre uma coisa que não tinha sido alvo de reflexão (Marton, 1994). Para Barnard, et al.(1999), a entrevista é ao mesmo tempo ex-

³ Tradução (identificando as formas sob as quais o fenómeno é compreendido e vivenciado por profissionais saúde, doentes, instituições e sociedade)

ploratória e directiva na abordagem e na ambição. Ela foca-se no mundo da pessoa e procura revelar, crenças valores, ilusões, realidades, sentimento e vivência do fenómeno.

A entrevista semi-estruturada (Barnard, *et al.* 1999) e em profundidade (Sjöström & Dahlgren, 2002), não deve ter muitas questões, nem ter muitos detalhes definidos a priori. A maior parte das questões surgem do que é dito pelo sujeito, estabelecendo o fenómeno como foi vivido e explorando os diferentes aspectos em conjunto, tão profundamente quanto seja possível. A primeira questão deve ser genérica e dirigida a aspectos gerais do fenómeno, ou pode-se começar com um caso concreto, como uma situação a ser discutida ou um problema a ser resolvido. A pessoa é levada a reflectir sobre ele e a falar da sua maneira de lidar com ele (Marton, 1994), podendo usar-se o silêncio, questionamento aberto, que encoraje a conversação, sem linguagem ameaçadora o técnica, iniciando-se de preferência com o prenome "O que" o "como" e não "porque". Mas também se podem solicitar exemplos que ilustrem a intenção e a linguagem do entrevistado. Isto exige do entrevistador uma capacidade de interpretar o que vai sendo dito, de forma a decidir qual a próxima questão, no sentido de obter uma clara compreensão da forma como o sujeito concebe cada tema (Sjöström & Dahlgren, 2002).

A Análise dos Dados

Após a transcrição das entrevistas o investigador deve por de lado ideias preconcebidas, não caindo na tentação de procurar ver se as respostas reflectem a sua visão do fenómeno, mas focalizando nas similitudes e diferenças com que o fenómeno se apresenta aos participantes (Marton, 1994).

Como precaução assume-se que a análise das transcrições é feita tendo por base a sua totalidade, não sobre o aspecto linguístico, mas enfatizando o conteúdo expresso, na medida em que expressa uma relação com cada parte do mundo (Barnard, *et al.* 1999). O mesmo indivíduo pode expressar mais de uma forma de compreender o fenómeno, pois isso não importa pois o indivíduo não é a unidade de análise, sendo temporariamente abandonado a ideia de limites entre pessoas. Os dados de todas as entrevistas individuais no seu conjunto é indivisível e formam os dados a serem analisados.

Estes dados assim assumidos são habitualmente muito extensos e deve passar por diversas etapas para a sua organização (Marton, 1994).

A 1ª etapa, da redução dos dados consiste em distinguir o que é imediatamente relevante, na medida em que expressa ou não uma forma de vivenciar o fenómeno em questão. Esta decisão de separar dados pode ser revisitada mais tarde durante a análise. Na 2ª etapa, verificam-se os diferentes tópicos ou fenómenos tratados nas entrevistas. Neste caso, para iniciar, os dados tem de ser organizados por tópico ou fenómeno e a análise tem de ser feita por tópico ou fenómeno um de cada vez. A 3ª etapa consiste em distinguir as diferentes maneiras de compreender (ou vivenciar, experienciar) o fenómeno. Esta compreensão aparece sob a forma de dois mecanismos. Um é baseado nas similaridades (semelhanças): Quando duas expressões embora diferentes nas palavras, têm o mesmo significado, tornamo-nos conscientes de uma certa forma de compreender o fenómeno. Quando duas expressões reflectem duas formas diferentes de compreender o fenómeno devem ser denominadas em função do efeito contrastante. Neste ponto, a análise encontra-se em plena efervescência, para identificar e agrupar as formas expressas de vivenciar o fenómeno. Par fazer isto bem, é necessário mergulhar numa compreensão tão profunda quanto possível do que foi dito, ou de preferência com o seu significado.

Após este passo, as várias declarações (concepções) têm de ser confrontadas com dois contextos. Um considerado o "conjunto de significados partilhados" (pool of meanings) que deriva do que todos os participante disseram sobre a mesma coisa. E o outro em que se têm de reintroduzir as fronteiras individuais das declarações, que é saber o que a mesma pessoa disse de outras coisas. Temos pois de fazer sentido das expressões particulares em função do contexto colectivo e também do contexto individual.

Após que as citações tenham sido agrupadas, a atenção muda-se da relação entre citações para a relação entre os grupos. Temos que distinguir quais os atributos críticos de cada grupo e quais as características diferenciadoras dos grupos, desta forma chegamos ao desenvolvimento de categorias de descrição na qual podemos caracterizar a variação da forma em que um fenómeno é vivenciado, conceptualizado e compreendido.

É preciso encontrar relações lógicas entre categorias. Como cada categoria representa uma po-

tencialidade diferente para ver o fenômeno, estas devem ser hierarquizadas de acordo com um critério adequado. Esta organização da complexidade de categorias é denominada de "espaço de resultados" (outcome space). Esta ordem de tratar os dados não é linear mas interactiva, em que muitos passos podem até ser simultâneos.

Estas categorias e o espaço de resultados, depois de encontrados são reaplicados aos dados originais, em que se vai constatar em cada indivíduo quais as categorias que lhe são aplicáveis, chegando assim a uma distribuição de frequências de categorias de descritivas.

Conclusão

O objectivo deste artigo era fazer uma apresentação geral da metodologia de investigação qualitativa, denominada fenomenografia. Assim foram abordados os aspectos gerais definidores da mesma, os seus conceitos estruturantes e a sua aplicabilidade à área da prestação de cuidados e à enfermagem. Foram ainda abordados os aspectos práticos que revelam a especificidade da metodologia quanto à colheita e análise dos dados, procurando fornecer uma perspectiva geral às pessoas que se possam interessar por esta metodologia. Aqui se realçou, que é uma metodologia baseada no conteúdo do pensamento e na natureza holística e relacional do conhecimento, que procura nas vivências das pessoas descobrir as diferentes formas sob as quais as pessoas percebem e concebem o mundo à sua volta. O conhecimento assim revelado será útil à prestação de cuidados e à enfermagem no sentido de ajudar a cuidar as pessoas de forma holística e individualizada.

Referências Bibliográficas

Barnard, A., McCosker, H. & Gerber, R. (1999). Phenomenography: A qualitative research approach for exploring understanding in health care. *Qualitative Health Research*, 9 (2) march 212-226

Dahlberg, K. (1992). The Holistic perspective in nursing education. *Acta Universitatis Gothoburgensis*, Goteborg (www.ped.gu.se/biorn/phgraph/civil/graphica/diss.su/dahlberg1.html)

Marton, F. (1981). Phenomenography: Describing conceptions of the world around us. *Instructional science*, 10, 177-200

Marton, F. (1986). Phenomenography: A research approach to investigating different understandings of reality. *Journal of Thought*, 21 (3), 28-49

Marton, F. (1994) Phenomenography. In Torsten Husén & Neville Postlethwaite (Eds.), *The International Encyclopedia of Education* (pp. 4424-4429). Oxford: Pergamon Press.

Marton, F. & Booth, S. (1997). *Learning and Awareness*. New Jersey: Lawrence Erlbaum.

Marton, F., Dall'alba, C., & Beaty, E. (1993). Conceptions of learning. *International Journal of Educational Research*, 19 (3), 277-300

Marton, F. & Fai, P. M (1999). Two faces of variation. Paper presented at 8th European Conference for Learning and Instruction August 24-28. Göteborg University, Göteborg, Sweden ([Http://www.ped.gu.se/biorn/phgraph/civil/graphica/civil/graphica/fmpmf.pdf](http://www.ped.gu.se/biorn/phgraph/civil/graphica/civil/graphica/fmpmf.pdf))

Olsson, E., Tuyet, L. T. & Nguyent, A. (2002). Health professionals' and consumer views on the role of the pharmacy personnel service in Hanoi, Vietnam – a qualitative study. *Journal of Clinical Pharmacy and Therapeutics*, 27, 273-280

Sjöström, B. & Dahlgren, L. O. (2002). Applying Phenomenography in nursing research. *Journal of Advanced Nursing*, 40 (3), 339-345

Strömberg, B. (1997). Professional attitudes of Doctors and nurses: A study of Conceptions. *Acta Universitatis Gothoburgensis*, Goteborg ([Http://www.ped.gu.se/biorn/phgraph/civil/graphica/diss.su/stromber1.html](http://www.ped.gu.se/biorn/phgraph/civil/graphica/diss.su/stromber1.html))

Yan, P. W. (1999). The Dynamics of Awareness. Paper presented at 8th European Conference for Learning and Instruction August 24-28, Göteborg University, Göteborg, Sweden ([Http://www.ped.gu.se/biorn/phgraph/civil/graphica/civil/graphica/pwy.pdf](http://www.ped.gu.se/biorn/phgraph/civil/graphica/civil/graphica/pwy.pdf))